

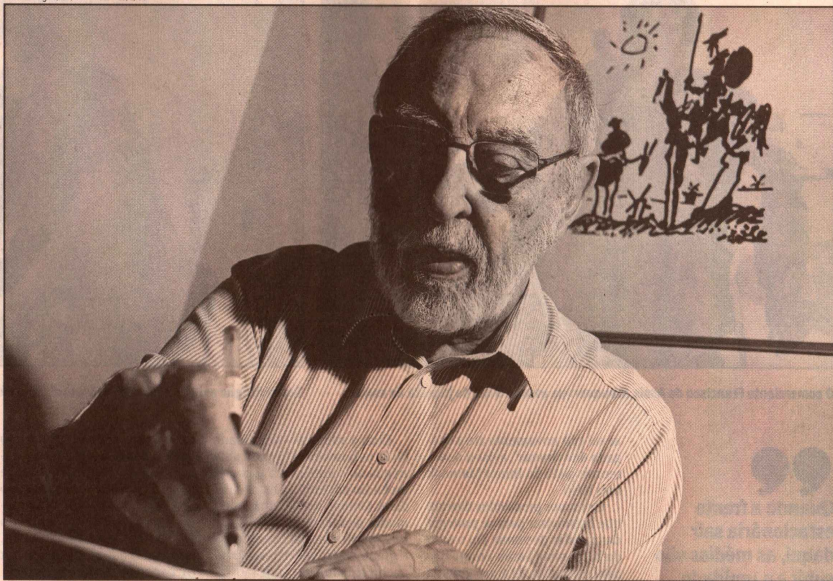
OBITUÁRIO

Augusto Guimarães Filho, engenheiro

Morreu, aos 94 anos, no Rio de Janeiro, o homem que transformou o projeto do Plano Piloto numa cidade real. Ele foi o braço direito de Lucio Costa, o inventor da capital do país, mas, discreto, nunca fez publicidade de seus feitos

» CONCEIÇÃO FREITAS

Carlos Magno/CB/D.A. Press - 13/1/06



Durante a construção de Brasília, Augusto Guimarães Filho definiu a infraestrutura da cidade e criou a nomenclatura das superquadras

O engenheiro que morreu no fim da tarde de sábado passado, em Niterói (RJ), é um dos homens mais importantes da história da construção da capital do país. Mas os brasilienses sabem muito pouco a respeito de quem ele foi e do que fez entre os anos de 1957 e 1960. Augusto Guimarães Filho não morou nem teve escritório em Brasília, nunca fez publicidade de seus feitos e sempre que procurado insistia em dizer que Lucio Costa inventou o Plano Piloto sozinho — o que não significa, ele reforçava, que não tenha sido um projeto longamente pensado.

O que Guimarães fez não foi pouco. Tirou o projeto do papel e transformou-o numa cidade real. Definiu o lugar onde ela aterrissaria, se de frente, de costas ou de lado para o sol. Esculpou o solo de modo tal que a Esplanada fosse exatamente o que o urbanista planejara: um terreno plano que garante "a coesão do conjunto e lhe confere uma ênfase monumental imprevista", como escreveu Lucio Costa no Memorial Descritivo. Calculou a posição dos eixos e das asas em relação ao futuro Lago Paranoá.

E não só isso. Augusto Guimarães Filho definiu a infraestrutura da cidade. Além de decidir como se daria o movimento de terra, fez os cálculos da disposição das veias de Brasília — saneamento básico, energia elétrica, telefone. Também foi ele quem deu aos brasilienses a nomenclatura das superquadras — 100, 200, 300, 500... Do escritório da Novacap (a Companhia Urbanizadora da Nova Capital), no Rio de Janeiro, Guimarães calculava as coordenadas da nova capital, em uma máquina Facit manual, e

construção e transferência da capital. "Ele teve muitas outras atividades, mas Brasília foi o ponto alto de sua trajetória profissional", contou um dos dois filhos, o economista Eduardo Augusto Guimarães. Havia incontáveis anos que o engenheiro estava escrevendo um livro sobre sua experiência em Brasília. *A propósito de Brasília: 1.112 dias* é o nome, obra inconclusa e muitas e muitas vezes reescrita, conta Eduardo. Mais recentemente, ele estava determinado a provar que a mudança da capital foi fator fundamental para o desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro. Pedia ao filho que tabulasse dados como, por exemplo, da evolução agrícola da região para concluir o último capítulo. "Quando cheguei à casa dele, vi versões do livro por todo o lado".

Sem conclusão

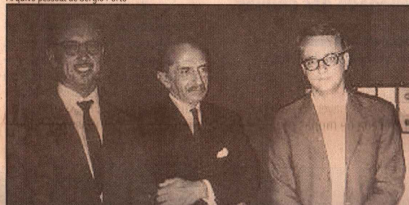
Convidado para escrever o prefácio do livro, o jornalista Silvestre Gorgulho, ex-secretário de Cultura do DF, vinha tentando, havia muito, publicar a obra, mas era interceptado pela insistência de Guimarães em reescrever o texto. "Acordo às quatro da manhã para reescrever o que já tinha escrito. As oito, jogo fora o que escrevi", disse o engenheiro ao Correio em fevereiro de 2009. Esse é um projeto, ele disse, "pessoal e inadiável".

O arquiteto Jayme Zettel fazia parte da equipe de Guimarães na Divisão de Urbanismo da Novacap. Acompanhou e participou do desenvolvimento do projeto do Plano Piloto e testemunhou as visitas diárias de Lucio Costa ao escritório no Rio de Janeiro. "Guimarães sabia e executava exatamente o que queria Lucio Costa,

Maria Elisa Costa/Arquivo pessoal



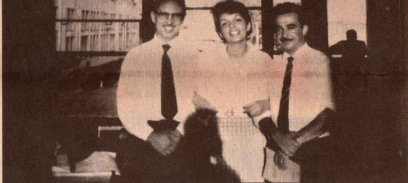
Arquivo pessoal de Sérgio Porto



energia elétrica, também foi ele quem deu aos brasileiros a nomenclatura das superquadras — 100, 200, 300, 500... Do escritório da Novacap (a Companhia Urbanizadora da Nova Capital), no Rio de Janeiro, Guimarães calculava as coordenadas da nova capital, em uma máquina Facit manual, e remetia os números (com até sete decimais), via rádio, para o engenheiro Joffre Mozart Parada que, aqui, conferia os cálculos e procurava as coordenadas no chão vazio e imenso do Planalto Central.

Anjo da guarda

O engenheiro Augusto Guimarães Filho foi o anjo da guarda de que Lucio Costa precisava. Como já havia antecipado no projeto, o arquiteto vencedor do concurso não pretendia participar efetivamente da construção da cidade. No terceiro parágrafo do memorial, escreveu: "Compareço, não como técnico devidamente



Ao lado de Maria Elisa Costa e Joffre Parada (D): equipe incansável

aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples maquis do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da ideia apresentada senão, eventualmente, na qualidade de mero consultor."

Se seria "mero consultor", alguém haveria de pôr a mão na massa. Lucio Costa escolheu para a função o engenheiro e amigo com quem havia trabalhado no Parque Guinle, no Rio de Janeiro,

projeto precursor das superquadras. Quando do concurso do Plano Piloto, Guimarães estava desenvolvendo o projeto de Lucio Costa para o Banco Aliança, na Praça Pio X, também no Rio. Como gostava de contar, o engenheiro só ficou sabendo que seu colega de escritório havia participado do mais importante concurso de Brasília quando leu nos jornais o resultado. "Mais surpreso ainda fiquei quando alguns dias



Guimarães (E) e Sérgio Porto (D) executaram projeto de Lucio Costa (C)

depois ele me convidou para trabalhar no desenvolvimento do projeto de Brasília, dizendo que eu seria o seu representante pessoal, seria a segunda pessoa dele."

Atônito

Guimarães ficou atônito com o convite a ponto de não conseguir, durante dias seguidos, dar uma resposta. "Eu lhe fiz uma proposta, pensei que fosse boa",

reagiu o arquiteto. "Colocado nesses termos...", respondeu o engenheiro. As duas partes da lanterna seguiram juntas até depois da morte de Lucio Costa. O arquiteto determinou que Guimarães tomasse as providências protocolares de seu sepultamento e o amigo respondeu com a fidelidade irretocável de sempre.

A mesma lealdade ao pensamento de Lucio Costa, Guimarães destinou ao projeto de

parte da equipe de Guimarães na Divisão de Urbanismo da Novacap. Acompanhou e participou do desenvolvimento do projeto do Plano Piloto e testemunhou as visitas diárias de Lucio Costa ao escritório no Rio de Janeiro. "Guimarães sabia e executava exatamente o que queria Lucio Costa. Era um engenheiro de muita sensibilidade. Sem querer ofender os engenheiros, mas ele tinha uma dose de arquiteto."

Desde janeiro de 2010, quando caiu e quebrou o fêmur, Augusto Guimarães Filho começou a ficar com a saúde mais e mais fragilizada até que em 6 de setembro passado teve uma hemorragia, fruto de uma varise no esôfago que, somada a outras complicações no abdômen, um tumor no fígado e uma pneumonia, o levou embora no pôr do sol de sábado.

Augusto Guimarães Filho deixa dois filhos, quatro netos e 2,6 milhões de brasileiros agradecidos.

Artigo

por Maria Elisa Costa*

Dr. Lucio & Dr. Guimarães

Conheci o Dr. Guimarães na casa de Correias, dias depois do acidente na Rio-Petrópolis que, de uma hora para outra, levou embora minha mãe. Lembro-me bem de ver da varanda a figura dele subindo a escada do jardim, e do seu olhar, de alguém que quer tanto ajudar, mas não sabe o que fazer, impotente diante da violência daquele golpe.

No outro extremo, em 1998, meses antes da sua morte, meu pai recomendou que eu incumbisse o Guimarães de cuidar de tudo quando chegasse a hora da partida — e assim foi.

Estranho, começar esse texto dessa maneira — é como se eu sentisse a necessidade de registrar, antes de qualquer coisa, a qualidade e a confiança mútua da relação entre os dois.

Mas quem é esse Dr. Guimarães? Como se deu o encontro

dele com o Dr. Lucio? Passo a palavra ao próprio:

"Nos anos 40, os Guinle criaram a Servix Engenharia, que foi incumbida de construir os prédios do Parque Guinle. Numa visita à sede da construtora, conheci o engenheiro Augusto Guimarães Filho. Com seu jeito acolhedor, franco, aberto e interessado, destacava-se dos demais, na frieza daquele ambiente, como uma presença humana — simpatizei com ele. Algum tempo depois, passou a atuar como engenheiro chefe da obra do Parque Guinle. Em seguida, desenvolvi outro projeto meu, desta vez para a sede do Banco Aliança, dos irmãos Coutinho, no centro da cidade. Desse convívio continuado me ocorreu, quando ganhei o concurso de Brasília em 1957, propor ao Dr. Israel Pinheiro que confiasse a ele a direção do Departamento de Urbanismo da Novacap,

criado para desenvolver o Plano Piloto. O escritório funcionou na sobreloja do ministério, e o Dr. Guimarães deu conta da tarefa com exemplar dedicação."

Só que o convite que recebi do Dr. Lucio para desempenhar essa tarefa deixou o Dr. Guimarães mudo por dois dias. Não conseguia responder, tal o susto e a aflição com a responsabilidade enorme que significava transportar para o chão de verdade aquele desenho em escala de 1/25.000. Passados os dois dias, diante da cobrança — "Eu lhe fiz um convite, você nem para me dar uma resposta?" — a resposta foi sim.

Olhando Brasília hoje, uma pergunta insiste em vir para o primeiro plano: e se não fosse o Guimarães? Quanto mais tempo passa, mais claro fica para mim que, de fato, nenhuma outra pessoa teria condições de assumir a incumbência.

Porque havia, no Guimarães, uma convergência ímpar: profissionalmente, tinha objetividade de engenheiro com sensibilidade de arquiteto, sempre se interessou pela arquitetura moderna brasileira e era a favor da mudança da capital; mas o ingrediente determinante, o que permitiu que o trabalho fluísse como fluiu, foi a



Dr. Guimarães sempre se ateu ao 'backstage'. Só nos últimos anos se deu conta de que era chegada a hora de sair da sombra e deixar registrado seu testemunho único"

relação pessoal, o ter aprendido a conhecer e a lidar com o Dr. Lucio, profissional e pessoalmente.

Para conduzir o trabalho, com o bom senso que sempre foi sua marca registrada, percebeu que era preciso se ater ao que de fato importasse, e descomplicar as coisas — não havia lugar nem para grandes discussões, nem para grandes hesitações.

Assim, a primeira coisa foi deixar claro para a pequena equipe que comandava, que o Plano Piloto era, definitivamente, aquele escolhido pela comissão julgadora. O projeto não estava mais em discussão; tratava-se simplesmente de desenvolvê-lo. Por outro lado, como no caso de Brasília,

desenvolvimento do plano e construção não foram etapas sucessivas, mas concomitantes, era indispensável resolver os imprevistos em tempo útil e — sempre — com a palavra final do Dr. Lucio.

E Dr. Guimarães soube lidar com a pessoa do Dr. Lucio com uma competência e uma sensibilidade impecáveis. Houve dificuldades, houve problemas, mas tropeços não existiram. Sempre se chegou a uma solução: o objetivo era tudo dar certo.

A própria figura dele, com seu guarda-pó branco, era o oposto da afobação ou da correria que a ideia da mudança da capital em três anos pode sugerir. E nunca houve atras de nenhuma informação; tudo aquilo calculado ponto por ponto, curva de nível por curva de nível, os terraplenos, as bacias, os trevos, o parcelamento, a locação dos edifícios — e tudo com calculadora Facit manual (a primeira elétrica foi um sucesso!) —, as três coordenadas com todas as suas decimais transmitidas pelo malote ou pelo rádio. E mais os viadutos, a Plataforma Rodoviária, a Torre de TV...

A postura dele que, sendo firme e correta, era ao mesmo tempo bem humorada e impregnada de intensa e genuína fidelidade

ao Dr. Lucio, tornou-o, por designação do próprio, a sua segunda pessoa, o interlocutor em todos os encontros e reuniões, tanto com Dr. Israel Pinheiro como com o Presidente ou com quem fosse — a confiança era total. Ele era ao mesmo tempo protetor e "filho" do Dr. Lucio — e a Brasília que existe é resultado, exatamente, da qualidade dessa parceria.

Radicado desde sempre em Niterói, dr. Guimarães sempre se ateu ao "backstage". Só nos últimos anos se deu conta de que era chegada a hora de sair da sombra e deixar registrado seu testemunho único — infelizmente, não concluiu o livro que escrevia: recebi hoje (domingo), com imensa tristeza, a notícia do seu falecimento, ontem (17 de setembro de 2011).

* Arquitéta, filha de Lucio Costa, trabalhou na equipe que desenvolveu o projeto do Plano Piloto

www.correiobraziliense.com.br



Leia no site o artigo escrito por Sérgio Porto, arquiteto que participou da equipe que ajudou Augusto Guimarães Filho a desenvolver o projeto do Plano Piloto.